

A LIBERDADE COMO FATOR DE ANGÚSTIA NO INDIVÍDUO¹

VICTOR HUGO DE MATOS CHAB²
LEÔNCIO LOPES DOS SANTOS³
VICTOR VINICIUS BIAZON⁴

RESUMO: A liberdade constitui como uma problemática e um signo de discussão por toda a modernidade e contemporaneidade, sendo assim, o presente artigo discute o signo da liberdade sobre a égide do autor francês, Jean-Paul Sartre (1905 – 1980), principalmente, no aspecto que tange a liberdade como atenuante de angústia no indivíduo contemporâneo. Segundo, o filósofo e sua teoria existencial, fruto do período histórico, o homem é livre de maneira inexorável, sendo Tassim, tange o impossível fugir dessa liberdade o fazendo ser o ator legítimo de sua existência; todavia a liberdade paradoxalmente transmuta-se como sofrimento irrestrito ao homem, logo consiste em o objeto de destaque. Diante disso, discutiremos o que é a existência humana para o autor, assim como o homem deve relacionar-se com a sua própria liberdade, e como compreender a angústia, sobretudo utilizando a obra O existencialismo é um humanismo (1946), de Jean-Paul Satre, como também o levante bibliográfico contemporâneo sobre o tema. Conclui-se que segundo o existencialismo sartreano a liberdade advém simbiótica a responsabilidades consigo e com o outro, não somente, paradoxalmente ser livre ao passo que é uma dádiva torna-se angustiante em detrimento das responsabilidades advindas.

Palavras-chave: existencialismo, liberdade, angústia.

1 INTRODUÇÃO

O existencialismo foi uma corrente predominante na Europa nos séculos XIX e XX, uma vez que tinha como priori a indagação do papel do ser em relação a si

¹ Trabalho apresentado no GT10 Saúde e Comportamento da Semana Acadêmica 2018.

² Graduando em Psicologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná - FATECIE. E-mail: vhmchab@hotmail.com

³ Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná - FATECIE, Especialista em Filosofia contemporânea e Método de Abordagem Direta do Inconsciente e Formação Humana E-mail: leonciolopes@hotmail.com

⁴ Doutor em Comunicação Social, Mestre em Administração. E-mail: victorbiazon@hotmail.com

próprio, ou seja, o que era a existência e como o ser lidava com a própria. Diante disso, um dos principais filósofos e articulador da teoria existencialista foi o francês, Jean Paul Sartre (1905 – 1980), o filósofo dentre muitos dos assuntos discutidos na égide supracitada trouxe em voga a discussão sobre a liberdade para o homem.

Diante disso, a bibliografia existencialista prevê que a liberdade, signo discutido posteriormente neste artigo que não compete ao significado lockeano do mesmo, é e perdura como um elemento difusor de angústia para homem, mediante a isso, cabe a compreensão do indivíduo sobre “ser livre” para que consequentemente consiga suprir a angústia que o assola recorrentemente.

Sendo assim, o presente artigo parte do pressuposto de revisitar e referenciar os escritos existencialistas, tanto das obras primas quanto das novas produções acadêmicas, no que tange a discussão sartreana sobre a liberdade como um fator atenuante e inexorável por causar o sentimento de angústia que assolam os homens modernos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Invariavelmente não consiste de novidade historiográfica que o homem se envolve em conflitos de micro e macro proporções recorrentemente, porém, com o advento do século XX os embates humanos tornam-se em suma mais avançados (ALMEIDA, 2013), neste sentido os números de baixas aumentam invariavelmente. Não obstante, foi no mesmo período que o homem consegue vislumbrar uma nova maneira de se ordenar em sociedade, isto é, com o advento das revoluções do século XX, o homem consegue premeditar uma fuga da sociedade capitalista.

Tais mudanças impreterivelmente foram de suma importância para o desenvolvimento do pensamento aqui exposto, uma vez que a ciência não mais abrigava a resposta para tudo e a tentativa de alteração do *status quo* social também afastava a religiosidade como fator explicativo da nova ordem social. Sendo assim, produziu-se um sentimento de desespero e vazio entre os homens, diante a depressão institucional e social que o período remetia. (ALMEIDA, 2013). Neste

sentido o terreno foi formado para a discussão proeminente do papel do homem não somente na sociedade horizontalizada, mas também no todo, sendo invariavelmente fundamental para a repaginação das ideias existencialistas propostas por Kierkegaard, só que sob uma nova égide.

Apesar do existencialismo possuir seu apogeu midiático e social sobre a perspectiva dos autores franceses do século XIX e XX como citado anteriormente, define-se que o grande idealizador do arcabouço filosófico do existencialismo foi o pastor protestante dinamarquês Søren A. Kierkegaard (1813 – 1855), o autor tem como fundamento a oposição do modelo hegeliano do período que propõe um pleno totalitarismo da razão. Isto é, para Kierkegaard o pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831) fazia com que o homem se perdesse em conglomerados de conceitos, esquecendo a subjetividade do indivíduo.

Todavia, Kierkegaard não foi o responsável pela nomenclatura utilizada por essa escola de pensamento, sendo que do francês *existentialisme*, foi concebido pela mídia francesa nos finais da década de 1940 como uma forma satírica sobre o *status quo* do pensamento e comportamento dos intelectuais franceses. Mediante a isso, o conceito – hoje quer queira ou não, muito bem difundido – sofreu vários reveses de filósofos que tinham como suas cátedras a existência angustiante do homem, por exemplo Martin Heidegger (1889 – 1976) que negava a nomenclatura de existencialista.

Porém, o já citado autor Kierkegaard via o existencialismo com uma faceta terminantemente diferente de seu posterior o francês Jean Paul Sartre (1905 - 1980), uma vez que para o dinamarquês o homem tem uma dívida com Deus, mediante a dádiva de vivermos. Sendo assim, é neste sentido então que Kierkegaard retoma que a vida humana só possui sentido se estiver direcionada a Deus, logo, o homem não busca respostas e nem definições por meio da reflexão. Partindo do pressuposto “kierkegaardiano” a filosofia deve suscitar o indivíduo, a existência, a angústia e a essência, como priori de estudo, ao contrário do que ocorria na filosofia ocidental, segundo Kierkegaard e Karl Barth (1886 – 1968), que priorizava sistemas fechados e definitivos cuja verdade era tranquilizadora, mas piamente ilusória. (EWALD, 2008).

Diante da apresentação da fundamentação embrionária do pensamento existencialista, vale-se discutir e discorrer sobre os signos que aqui serão desenvolvidos. Sendo assim, o existencialismo provém da palavra *existere*, que significa sair, sair de um domínio, de uma casa, de um esconderijo; é, portanto, movimento para fora, e por extensão mostrar-se. (EWALD, 2008). Não obstante, é também de suma importância para a filosofia existencialista o conceito de essência que está ligada intimamente ao verbo ser. Neste sentido, fazendo um jogo de palavras, vemos que Existência e Essência quando casadas formam o conceito de desvelar o ser, isto é, na filosofia existencialista o ser é o objeto de estudo e não mais a abstração social como na filosofia clássica.

Sendo assim, sob a repaginação do signo de liberdade que permeia a existência do homem, um dos objetos de estudo, o filósofo francês afirmou:

Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz” (SARTRE, 1973, p.9).

Partindo dessas referências teóricas a discussão sob a liberdade e a existência não apenas limita-se aos filósofos vanguardistas da teoria, uma vez que uma série de artigos contemporâneos discutem elementos tão significativos para compreensão do homem pós-guerra. Mediante a isso, segundo Aline Maria Vilas Boas da Silva, que em seu artigo, “A concepção de liberdade em Sartre” (2013), a mesma discorre sobre três fatores predominantes para o francês: o caráter intencional da ação; a tese de que o ser-humano é livre; e a liberdade como angústia.

Neste sentido, ao discutir o caráter da ação do homem, Silva, detalha a seguinte conclusão sobre o signo sartreano:

Por esse ponto de vista, conclui-se que a consciência do homem, na linguagem de Sartre, não é algo determinado, mas, ao contrário, faz-se na materialização das escolhas, pois não é possível modificar o passado. Em última análise, a liberdade é o que fundamenta o vazio da consciência, ou seja, o homem é aquilo que sua liberdade forma. Assim, toda ação tem uma partida intencional fruto da liberdade de escolha do homem (SILVA, 2013, p. 97).

Conquanto a autora também discorre sobre os outros signos fundamentais para a construção da tese sartreana sob liberdade.

Dessa forma, a liberdade constitui-se na origem do “para-si”, porque se o homem não fosse livre, permaneceria encarcerado no Ser. Assim a liberdade é a razão da existência do “para-si”, se confundindo com o próprio modo de existir da realidade humana (SILVA, 2013, p. 100).

Por fim, a autora exprime em seu artigo a discussão fundamental que a angústia é proeminente da liberdade, ao contrário do que outras correntes filosóficas pretendem:

Tudo isso só confirma o fato de que a angústia está ligada à liberdade. O homem escolhe livremente seus atos, sendo o único capaz de realizá-los. Como sua liberdade de escolha está ligada a projeção de sua existência rumo a possibilidade de ser, cada vez que tem que escolher, se sente angustiado (SILVA, 2013, p. 105).

Sendo assim, ressalta-se que no referencial teórico, utilizamos sobretudo a fonte primária que consiste na colocação do centro da discussão a Liberdade em J. P. Sartre, sob tudo em sua obra, “O Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica” (1975), “O Existencialismo é um Humanismo” (1946) e no ensaio de Albert Camus (1913 – 1960), “O Mito de Sísifo” (1942), uma vez que identificamos ser de supra importância à resolução das problemáticas embrionárias dos signos aqui debatidos, para posteriormente relacionarmos com as novas produções científicas que debatem os temas.

Neste sentido, os autores contemporâneos que revisitam as obras clássicas dos existencialistas franceses têm como priori discutir tal temática para que com isto possam ser utilizadas na discussão da organização social e individual do homem pós-moderno, como é o caso de Pereira, que revisitando o autor conclui que: Assim, o indivíduo descobre que o mundo é apenas humano, por sua angustiante, gratuita e absoluta liberdade de decisão e ação. Apenas a sua liberdade (PEREIRA, 2012, p.07).

Isto é, apesar da teoria esta intrínseca a aspectos inexoráveis da geração chamada pela sociologia de *baby boomers*, que compele as gerações subsequentes dos pós segunda-guerra mundial, que Conger, 1998, considera:

[...] a geração Baby Bombers é composta de pessoas que presenciaram a guerra e os movimentos feministas na luta pelos seus direitos. Foram educadas com rigidez e seguiam regras padronizadas em relação à disciplina e a obediência. São pessoas que não se abrem muito para questionamento e a principal preocupação está na busca pela estabilidade no emprego. Colocam a carreira acima de tudo e se adaptam em qualquer organização, porém, é uma geração que está saindo do mercado de trabalho (CONGER, p. 128).

A discussão existencial, não somente pela discussão acadêmica à cerca do existencialismo ainda figurar revistas científicas, mas pelo fato que a existência é invariavelmente pertencente ao logos humano. Neste sentido, a angústia, o sofrimento das escolhas, a responsabilidade e o peso das ações que Sartre e os demais autores supracitados discorrem ainda permeiam a sociedade pós-moderna.

2.1 O Contexto Histórico que Corroboraram Para o Existencialismo

Ao longo de toda a história humana, salva-se raras exceções, a sociedade foi deflagrada de maneira vertical, ou seja, o poder era impellido de forças coercitivas sob uma pirâmide social hierarquizada. Diante disso, tornava-se nulo o interesse da “escala mais alta” da sociedade em disseminar o conhecimento, ainda mais de apresentar aos seus “inferiores” outro modo de vida que não fosse à servidão. Todavia, com a inovação tecnologia, produzindo um excesso da produção e a globalização por parte das grandes navegações (HOBBSAWM, 1975), foi-se possível empreender uma verticalização social, mesmo que esta ainda possua traços hierarquizados.

Diante dessa alteração no *status quo* os adventos de uma maior complexidade social trouxeram aos homens formas novas de lidarem consigo mesmo e sobretudo com o seu próprio destino, todavia, ao passo que a inovação tecnológica trouxe benefícios visíveis na estrutura produtiva e na longevidade social, a mesma, segundo o pensamento filosófico de Hans Jonas (1903 – 1993) trouxeram malefícios e degradação social, principalmente na evolução técnica sobre a belicosidade. Sendo assim, nunca se morreu tanto em conflitos bélicos, dada a sofisticação do século XX (ALMEIDA, 2013).

Não obstante, o século XX também correspondeu como um vislumbre social para a dissolução do *status quo* capitalista com o movimento revolucionário da primeira metade do século XX, sobretudo com a experiência soviética na Rússia com o advento da Revolução Russa (1917). Porém, a revolução empilhava cada vez mais corpos, o período também compeliu as duas grandes guerras (1914 – 1918 e 1939 – 1945) respectivamente, não somente, mas também o apogeu do nazi-fascismo, a quebra da bolsa de valores, e a falência de diversos signos, como a crença na disseminação da técnica para melhoria da vida individual, fato que não ocorreu. (ALMEIDA, 2013). Resumiu em insatisfação por parte da sociedade, principalmente sobre a juventude burguesa e intelectual europeia, ao passo que mais questionamentos ocorriam sobre o modo de vida, os motivos, e diretrizes.

Diante de tantas turbulências que ocorriam no século XX a filosofia clássica não respondia os questionamentos mais simplistas, debruçando-se sob conceitos que pouco alinhavam-se com os problemas mundanos, sendo assim, esse lapso que a filosofia clássica deixava na sociedade foi o campo fértil para a pergunta sobre a existência, uma vez que cada vez mais o homem via-la abalada (ALMEIDA, 2013).

Por fim, não somente a filosofia clássica e seus problemas metafísicos que despertaram o interesse na objeção sartreana, mas também a psicologia do período, uma vez que a mesma tentava consolidar-se como ciência, logo afastava o indivíduo como sujeito subjetivo focando-se no experimentalismo físico e principalmente nas teorias comportamentais. Sendo assim, para a bibliografia sartreana o período fazia-se extremamente sólido para o surgimento de teorias que revolucionavam o homem e como o mesmo comportava-se diante a sociedade e a si mesmo.

2.2A Consciência Humana e a Liberdade

O homem corresponde como um produto do meio que está inserido, mediante a isso, sua psique e comportamento traduz o período histórico inserido. Sendo assim, o existencialismo fundamentado de Jean Paul Sartre advém dos estudos sobre as dinâmicas entre homem e existência que ocorrem no período do pós-guerra no século

XX. Dentre as diversas prerrogativas analisadas por Sartre e seus correlacionados conhecidos como existencialista, destaca-se ao fato do indivíduo, ao contrário de prerrogativas positivistas, não possuir uma determinação prerrogativa que motiva sua existência, logo é papel chave do mesmo encontrar em si e no meio inserido uma motivação sua para definir sua existência.

Partindo da visão geral do pensamento existencialista, principalmente sartreano, em uma de suas obras, “O Ser e o Nada” (1975), o francês discute sobre o papel da liberdade sobre o indivíduo, sobre a liberdade como a expressão do ato, e não o ato em si (SARTRE, 1998), o autor expõe sua perspectiva sobre a liberdade escrevendo: “A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher” (SARTRE, 1973, p. 23). Mediante a isso, para o francês a liberdade é um fator inexorável da condição humana, ou seja, até a escolha de privar a liberdade faz-se um ato libertário. Outro fator fundamental que Sartre utiliza-se para defender o caráter inexorável da liberdade é o fato de estar atrelada a consciência, segundo a pesquisadora Aline Maria Vilas Boas da Silva: [...] “na filosofia sartreana, a consciência é intencional e não possui conteúdo, ela tem uma extensão de irrealidade, portanto descrever a consciência é descrever a liberdade, porque ela não está presa a um objeto.” (SILVA, 2013, p. 95).

Diante disso, a liberdade é a tradução da ação intencional do homem, afinal toda à ação humana faz-se no caráter de intencionalidade, logo ao traduzir-se a liberdade como consciência, nota-se que a consciência é uma força ativa que transcende o interno e reflete no ambiente externo, é embasada na mesma que o homem imagina, transcende, narra seu próprio caminho, assim como decide anular o próprio ser. (SILVA, 2013).

Embasado na compreensão da ação humana, vemos que para J. P. Sartre a ação é o princípio humano, ou seja, é na ação humana que o homem compreende a si mesmo e caracteriza a si próprio. Sendo assim, a liberdade é a tradução e o reflexo do homem, ou seja, para Sartre a liberdade é o homem, tornando-se indivisível e não caracterizando como uma condição ou um atributo como o positivismo e outras correntes filosofas propõe. (SILVA, 2013). Mediante a isso, a consciência não é um

produto puramente fisiológico ou sobrenatural, a mesma se configura como o produto da ação humana e suas escolhas, é a transfiguração das escolhas inalteráveis do passado, do presente e a projeção do futuro do que aflige o modo que o homem encaminha sua existência. Eis que conceitualmente e filosoficamente torna-se um fator primordial para Sartre que todas ações são resultantes da liberdade humana.

2.3 O Homem, a Angustia e a Liberdade

Sabido pela sociologia e historiografia que conforme a sociedade caminha para uma maior complexidade, relações de trabalho, culturais, cosmogônicas, mais o indivíduo subjetivamente torna-se complexo. Diante disso, o filósofo francês, Sartre, teoriza que o homem constantemente sofre, não obstante, sofrimento é indivisível do homem, ou seja, não factualmente possui uma motivação intrínseca, mas sim um sentimento angustiante cristalizado no cerne do mesmo. Sendo assim, Sartre teoriza que esse sentimento corrosivo de angústia advém da liberdade em determinar sua própria vida, assim como o fato de sua liberdade ser artífice de suas escolhas e consequências (SARTRE, 1997).

Segundo o pensamento sartreano o homem em detrimento de suas reflexões sente-se vazio de propósito, questionando suas limitações e percebendo a efemeridade da existência, logo subitamente atingido por um sentimento repressivo e angustiante (PEREIRA, 2012). Não obstante, o homem sente-se vazio uma vez que não consegue alcançar o idealismo proposto pela filosofia clássica e respaldada na religião, com isto ele compara o que é e o que deveria ou gostaria de ser e isso causa-lhe angústia por esse “fracasso” existencial.

O homem então prevê que seu caminho é vazio de sentidos, uma vez que ele se põe defronte ao fato que o passado não o suscita, o presente não é o que deseja a si mesmo e o futuro é piamente discutível (PEREIRA, 2012). Diante disso, idilicamente deveria compreender que os caminhos traçados, que traçam e que serão traçados é reflexo de um conjunto de escolhas pré-determinadas por único e

exclusivamente dele, todavia, ao notar essa transgressão em sua existência o mesmo aliena-se para tentar afastar a angústia.

Vale ressaltar que a filosofia sartreana é isenta de pressuposto sobrenaturais e muito menos religiosos, o autor inserido em seu tempo caminha por um descrédito nas religiões ocidentais clássicas, sendo assim, para o francês Deus não existe, logo o indivíduo não possui um plano divino que o resguarda, sequer um sentindo secreto sobrenatural (PEREIRA, 2012).

Ao dar ênfase ao fato que o homem é produto de sua liberdade, o autor francês discute a liberdade e a existência humana como:

O homem é livre porque não é si mesmo, mas a presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser. [...], para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser (SARTRE, 1997, p.545).

Sendo assim, o autor remete que o homem possui uma sentença condenatória que é a liberdade, ou seja, é o fardo que a humanidade carrega, o poder das decisões, longe de idealizar a liberdade como a ciências políticas do período insistentemente recorre. Visto que mesmo que o homem aceite privar-se de ser livre a decisão do mesmo para esse fato relaciona-se com um paradoxo onde o homem é livre para vilipendiar sua liberdade, logo foi um ato de liberdade privar-se. (PEREIRA, 2012).

O sentimento de angústia para J. P. Sartre, inicia-se no momento em que o homem se vê despreparado para o futuro, restando consigo o sentimento de incapacidade rente os conflitos que permeiam sua existência (ALMEIDA, 1998). Torna-se de suma importância ressaltar que o francês é um homem que vê a sociedade contemporânea e a humanidade capitalista com descrédito, logo sua decepção tange em uma teoria revolucionária que traduz, principalmente ante o pensamento anti-naturalista e opressivo que o período perpassava, onde seu

elemento principal é o indivíduo, principalmente, alçar o mesmo à liberdade individual. (PEREIRA, 2012).

Novamente suscitando a discussão sobre o aspecto da liberdade e angústia sartreana, a pesquisadora, Everli Fernanda Pereira, disserta:

[...] a liberdade, ao mesmo tempo em que é almejada, suscita incertezas no indivíduo, em situações concretas de escolhas, em que a busca de um sentido maior possa suprir os limites estabelecidos e preencher o “vazio” que o invade. Quando o indivíduo conscientiza-se de sua liberdade, surge o medo e, então, insurge-se a angústia. O homem vive constantemente a incerteza de suas opções e suas possíveis e temidas consequências (PEREIRA, 2012, p. 06).

Todavia, engana-se ao pensar que o pensamento sartreano reside suas bases no péssimo, apesar de sua teoria não tratar da contemplação do homem como elemento idealista ou mesmo buscar a felicidade ou término do sofrimento. Segundo Sartre, é justamente através da angústia que esse compreende a si mesmo e os elementos que o incubem sofrimento: “É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser, se problematiza para ela mesma” (SARTRE, 1997, p. 72). Neste sentido, fugindo das amarras sentimentais que recaem no pensamento racionalista e existencial sartreano, o autor prevê que é somente ao compreender a situação paradoxal que o homem está inserido que o mesmo consegue encontrar recanto, ou seja, é através dessa compreensão que o homem consegue programar-se e trilhar caminhos que o levam até seu, única exclusivamente, o propósito fundamental para sua vida. (ALMEIDA, 1998).

Neste sentido deve-se correr a fatores hedonistas, uma vez que o prazer calcado por Sartre e propósito não estão ausentes de pesos morais, longe de ser uma moral universalizam-te como advoga Immanuel Kant (1724 – 1804), mas o homem tem que ter em consciência que suas ações fruto de sua liberdade reverberam sob todo o espectro inserido, logo a liberdade é caracterizada por uma consciência responsável no indivíduo e em seu entorno. Diante disso, a filosofia existencialista sartreana compele no fato de como o indivíduo relaciona-se com o todo e não como todo incide no indivíduo.

Todavia, a compreensão da liberdade e de todas as responsabilidades fundamentais para o homem não são recebidas abertamente para qual a maioria dos homens (PIRES, 2009), uma vez que ao nos opor ao sentimento repressivo que a liberdade traduz, invariavelmente muitas vezes criamos ídolos que possuem como função o alto-engano, negando nossa própria liberdade. (IBIDEM, 2009). Segundo o autor esses ídolos, não somente elementos religiosos, mas também signos como dialética, inconsciente, Deus, e entre outros, são criações de diferenças áreas do conhecimento que propõe uma forma de eximir o homem das responsabilidades para com a sua vida e outros. Sendo assim, tais ídolos funcionam como uma fuga da angústia e um espantalho para colocarmos a culpa. (IBIDEM, 2009).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os métodos utilizados para a confecção do presente artigo consistem em revisar artigos publicados em revistas científicas tanto das escolas filosóficas quanto psicológicas, não obstante, às obras que foram a primordial do pensamento existencialista e sobretudo a discussão sobre a liberdade, por fim, a revisão no campo historiográfico, afim de calcar o objeto pesquisado no campo da história dando-lhe sustento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender que a liberdade é um fator inexorável no ser faz-se necessário para a compreensão do homem sobre o todo de sua própria existência. Diante disso, ao visitar os escritos de J.P Sartre e de bibliografias que referendam o autor, a angústia que assola o homem deve ser por meio dele compreendida, com isto dando o senso de responsabilidade que o ser possui sobre seu microcosmo e como ele afeta os demais. Não obstante, o presente artigo nos trouxe a perspectiva de contemporaneidade das obras sartreana, tanto para a filosofia pós-moderna,

momento atual, quanto para a psicologia. Sendo assim, seus escritos iluminadores para compreender a angústia e a espontaneidade da existência.

Podemos concluir com o presente artigo que a filosofia sartreana é produto de um período de extrema turbulência social medido pela dicotomia entre a alteração do *status quo* de cunho revolucionário e a perpetuação do mesmo sob a égide de ditaduras, não somente isso, mas também o avanço belicoso e a eclosão de questionamentos à cerca da existência, principalmente, pelo fracasso de instituições universalistas ocidentais em tanger respostas.

Diante disso, a filosofia sartreana traduz a angustia dessa geração e o apelo por uma filosofia mais centrada no indivíduo e suas problemáticas, dentre elas o que foi posto no presente artigo, a liberdade e a angústia gerada pela mesma. Sendo assim, o autor advém que a liberdade é a pedra fundamental pela angústia cega que assola os homens, uma vez que esgotaram as possibilidades, para o autor, de deflagrar um pensamento verticalizado que rege os caminhos e o destino da humanidade, principalmente no home.

Mediante a isso, a liberdade é o fator indivisível que traduz as consequências do comportamento humano, que expõe a responsabilidade das escolhas do indivíduo sob um presente que angustia não era o idealizado e sobretudo a um futuro incerto. Todavia, na mesma reduz também a compreensão do homem como factualmente ele é, assim como o que ele pode alcançar.

Fugindo da conceituação puramente racionalista e pessimista, o autor pontua que a fuga da angústia se dá pela análise da própria angústia, isto é, dado momento que o homem compreende seu sofrimento é adjunto a sua liberdade, o mesmo consegue interiorizar que suas ações são suas responsabilidades, logo cabe ao mesmo, buscar seus fundamentos e a motivação da sua existência incumbido de responsabilidades consigo mesmo e com o externo. Sobretudo não caindo na armadilha de apoderar-se de ídolos para eximir-se de suas responsabilidades consigo mesmo.

Por fim, concluimos a importância de desvelar a bibliografia produzida recentemente sobre o tema, uma vez que é de suma importância a compreensão do

homem sobre a si mesmo, de modo que suas ações possam ser mais responsáveis consigo e com o microcosmo inserido.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

ALMEIDA. **A questão da Liberdade na obra: Existencialismo é um Humanismo de Jean-Paul Sartre.** São Paulo, 1998.

CONGER, Jay. Que é a geração X? HSM Management, n.11, p. 128 a 138, nov. /dez. 1998. Disponível em <
<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/25/Texto%20%20-%20Gera%C3%A7%C3%A3o%20X.pdf>>. **Acessado** em 23/06/2018 às 17h00.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital.** 15 ed. São Paulo – SP: Paz e Terra, 1975.

MARTINS, H. T. Competências para Gerenciar Diferentes Gerações. **Convibra**, São Paulo, UNIP, 2010.

PEREIRA, F. E. O Homem e a Angústia Existencial em Jean-Paul Satre. **Psicologia – Revista Eletrônica FAEF**, Garça, FAEF, ano 9, ed. 19, 2012.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

SILVA, B. V. M. A. A Concepção de Liberdade em Sartre. **Filogenese**, Marília, UNESP, ano 1, n.6, 2013.